

2

Fundamentação Teórica

Neste capítulo, faz-se a exposição dos pressupostos teóricos que conduziram esta pesquisa. Tendo em vista que o objeto de estudo deste trabalho são home pages institucionais, páginas web que, neste caso, especificamente, combinam texto escrito e imagens, decidiu-se por analisar texto e imagem separadamente. Buscaram-se então teorias que viabilizassem o que se chamou de análise verbal e análise visual das páginas. Para nortear a análise verbal, recorreu-se a algumas das contribuições trazidas pela análise de discurso institucional e pela gramática sistêmico-funcional. E para a investigação visual das páginas, utilizaram-se aspectos da teoria da multimodalidade. Nas seções abaixo, descrevem-se, primeiramente, as ferramentas empregadas na análise verbal e, em seguida, as ferramentas empregadas na análise visual das home pages.

Com relação à teoria empregada para suporte da análise verbal, faz-se necessário esclarecer que, apesar dos textos verbais analisados nesta pesquisa serem textos escritos em língua inglesa, os exemplos utilizados nas seções que se seguem estão em língua portuguesa. Tal decisão foi tomada em função das semelhanças estruturais das duas línguas no que tange aos conceitos discutidos neste trabalho, especificamente. Acreditamos que essa escolha facilite a compreensão da teoria descrita a seguir.

2.1

A Gramática Funcional de Halliday

A gramática funcional de Halliday é uma abordagem sociosemiótica da gramática cujo princípio básico é o estudo de categorias gramaticais com base em sua função comunicativa e não em sua forma, como é o caso na gramática tradicional. O autor parte do pressuposto de que toda língua disponibiliza, para seus usuários, uma

gama de escolhas em seu sistema (e não estrutura) gramatical; essas escolhas, porém, não são aleatórias e expressam significados específicos em resposta às necessidades de seus usuários em determinado contexto.

Para Halliday, qualquer sistema semiótico é apto a desempenhar três funções primordiais: 1) representar o mundo, a realidade; 2) estabelecer e regular relações entre as pessoas; 3) criar complexos de signos (textos) coerentes e coesos. Essas são as funções que, na nomenclatura Hallidayana, denominam-se metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual, respectivamente.

Se focalizarmos, especificamente, a linguagem (oral e escrita) como sistema gramático-funcional, poderemos então escrutiná-la à luz das três metafunções mencionadas acima. Halliday toma como unidade básica de análise desse sistema a oração, ou seja, as três metafunções podem ser discernidas na oração.

Em nosso trabalho, apenas duas dessas funções foram utilizadas como ferramentas de estudo. Os textos foram examinados, primordialmente, sob a perspectiva da metafunção textual e, secundariamente, sob a perspectiva da metafunção ideacional. Não se lançou mão da metafunção interpessoal. A escolha por estudar as declarações de missão/lemas com a ajuda de somente duas das metafunções não foi aleatória. Como será possível perceber quando da análise desses textos, a metafunção interpessoal em relação a eles não se mostraria uma ferramenta muito reveladora. Vale adiantar neste ponto, entretanto, que as declarações de missões/lemas são, em sua maioria, textos curtos nos quais as orações têm como verbo principal é o verbo **be** (ser/estar). Essas características (textos curtos e verbo **be**) sugerem uma análise das funções textual e ideacional.

Em razão dessas escolhas, discute-se abaixo apenas a teoria que observa a oração à luz das metafunções ideacional e textual. A metafunção interpessoal é apresentada em linhas gerais, sem observar suas especificidades.

2.1.1

A Oração como Representação

Sob a perspectiva da metafunção ideacional, a oração traduz a percepção que o usuário da língua possui de sua realidade exterior e interior. O significado da oração como representação está ligado ao sistema de transitividade da língua, o qual organiza a experiência (interna ou externa ao usuário) em *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, ou seja, a oração como representação identifica que ação é realizada, por quem é realizada e as circunstâncias envolvidas em sua realização.

Os *processos* são então representações lingüísticas das ações que ocorrem no mundo real e, funcionalmente, são categorizados segundo o seu significado semântico: por exemplo, os verbos *fazer* e *pensar* possuem classificações diferentes porque o primeiro descreve uma ação física e o segundo, uma ação mental. Não se recorre à classificação de verbos em aqueles que precisam de complemento e aqueles que o dispensam, tal como ocorre na gramática tradicional. Halliday (1994) discrimina seis tipos de *processo*:

- *material*
- *relacional*
- *mental*
- *verbal*
- *comportamental*
- *existencial*

Nos parágrafos que se seguem, faz-se uma breve descrição de cada uma dessas categorias. Vale destacar que, na análise dos dados, entretanto, lança-se mão apenas do conceito de *processo relacional*, pois, como adiantado anteriormente, um único verbo – desconsiderando-se os verbos na forma infinitiva - aparece nas declarações de missão/lemas dos serviços de inteligência. O verbo **be** (ser/estar), na classificação hallidayana configura o processo relacional.

Processos Materiais

São *processos* que envolvem alguém realizando ações concretas. O participante que realiza a ação é o Ator e aquele/aquilo a quem/a que a ação é dirigida é a Meta. De forma geral, a análise da transitividade de uma oração que contenha um processo material seria: *Ator + Processo Material + Meta + Circunstância*. A oração abaixo é um exemplo dessa estrutura.

Ana	comprou	flores	hoje de manhã
Ator	Pr. Material	Meta	Circunstância

Processos Mentais

Os *processos mentais* são aqueles que representam a percepção que alguém tem de algo e subdividem-se em *cognitivos, afetivos e perceptivos*. O participante que percebe algo é chamado de *Experienciador (Senser)* e o termo utilizado para aquele/aquilo que é percebido é *Fenômeno*. Dessa forma, a estrutura geral para a oração que encerra um *processo mental* seria: *Experienciador + Processo Mental + Fenômeno + Circunstância*. A oração *Ana contemplou as estrelas a noite toda* ilustra esta seqüência:

Ana	contemplou	as estrelas	a noite toda.
<i>Experienciador</i>	<i>Pr. Mental</i>	<i>Fenômeno</i>	<i>Circunstância</i>

Processos Relacionais

Os *processos relacionais* são processos “de ser” e estabelecem uma relação entre dois elementos diferentes, como exemplifica a oração *A Ana é morena*, que

relaciona *Ana* à característica *morena*. Tanto a língua inglesa quanto a portuguesa dispõem de três classes de processos relacionais:

- processo relacional *intensivo*, exemplificado por orações do tipo '*x* é *a*'
- processo relacional *circunstancial*, contido em orações cuja estrutura geral é '*x* está em *a*' (*em*, na verdade, contempla outras possíveis preposições como *com*, *acima de*, etc.).
- processo relacional *possessivo*, presente em orações como '*x* tem *a*'.

Os três *processos relacionais* mencionados acima podem ainda ser subdivididos em dois tipos: *atributivos* ou *identificadores*. Nos processos relacionais *atributivos*, '*a* é um atributo de *x*', como no exemplo anteriormente utilizado *A Ana é morena*. Já nos processos relacionais *identificadores*, '*a* é a identidade de *x*', como na oração *A Ana é minha amiga*.

Dentre os três tipos de processos relacionais, aquele que será efetivamente usado como instrumento de análise é o *intensivo*. Sendo assim, julgou-se desnecessário avançar a discussão acerca dos *processos circunstanciais* e *possessivos* para além deste ponto, mas prossegue-se com a descrição dos processos relacionais intensivos segundo Halliday.

Os participantes nos *processos intensivos atributivos* são o *Portador* e o *Atributo*. O *Atributo* “encaixa” o *Portador* em uma determinada classe. Em *A Ana é morena*, “Ana” é o *Portador* e “morena” é o *Atributo*. “Morena” coloca “Ana” como pertencente à classe das pessoas morenas.

Nos *processos relacionais intensivos identificadores*, os participantes são o *Identificado* e o *Identificador*. Na oração *A menina de rosa é a Ana*, “A menina de rosa” é o *Identificado* e “Ana” é o *Identificador*. Percebe-se que, neste caso, não se está colocando *A menina de rosa* em uma classe, está-se identificando *A menina de rosa*. Há ainda um outro aspecto para o qual se deve atentar nos *processos identificadores*: a ordem entre *Identificado* e *Identificador* pode ser invertida. Assim,

regra, dotado de consciência e chamado de *Behaver* (aquele que se comporta) e o *processo*. Logo, a estrutura básica deste tipo de oração é *Behaver + Processo*. A oração *Ana está chorando* se enquadra nesta classificação.

Processos Verbais

Os *processo verbais* são processos “de dizer”. Aqui, os participantes principais são o *Sayer* (emissor), a *Verbiage/Verbiagem* (aquilo que é dito), o *Receiver* (receptor, aquele para quem se diz algo). Na oração abaixo, estão discriminados os três participantes:

Ana	me	contou	uma história.
<i>Sayer</i>	<i>Receiver</i>	<i>Processo</i>	<i>Verbiagem</i>

Processos Existenciais

Nos *processos existenciais*, representa-se a existência de algo. O participante principal é o *Existente*, aquela/aquilo que existe. A estrutura básica da oração que contém este tipo de processo é então: *Processo + Existente*, como no exemplo *Houve um problema*.

2.1.2

A Oração como Mensagem

A metafunção textual é a função que permite discernir na oração uma mensagem. Ela estrutura os significados ideacionais e interpessoais de forma coesa e coerente, dando a eles o caráter de texto. Enquanto na metafunção ideacional a oração

é organizada em *Processo, Participantes e Circunstâncias*, a metafunção textual se articula em dois componentes: *Tema* e *Rema*. Em português como em inglês, o *Tema* ocupa a posição inicial na oração; o *Rema*, por sua vez, é tudo o que se segue ao *Tema*. Para identificar-se o *Tema*, é preciso recorrer aos componentes da oração quando vista do ponto de vista da metafunção ideacional, ou seja, *participantes, processo e circunstâncias*. O *Tema* se estende do início da oração até o primeiro elemento ideacional. Exemplificando:

Minha amiga Ana	<u>chega de São Paulo no sábado.</u>
<i>Tema (participante)</i>	<i>Rema</i>

No sábado,	<u>chega de São Paulo, minha amiga Ana.</u>
<i>Tema (circunstância)</i>	<i>Rema</i>

Chega	<u>de São Paulo, no sábado, minha amiga Ana.</u>
<i>Tema (processo)</i>	<i>Rema</i>

O *Tema* é o ponto de partida, o assunto a respeito do qual a mensagem tem algo a dizer. Nesse sentido, o *Tema* contextualiza o *Rema* e representa aquela porção da informação que, aos olhos do autor/falante, é merecedora de maior realce.

Se considerarmos, no entanto, não mais uma oração isolada, mas uma oração dentro de um texto, o *Tema* da oração em questão vai realizar um papel adicional: ele servirá de elemento de ligação entre a oração precedente e a oração que se está produzindo. Sendo assim, o *Tema* da oração em questão torna-se o elemento familiar e conhecido da mensagem para o leitor/interlocutor, ao passo que a informação propriamente dita 'acumula-se' no *Rema*. Em outras palavras, o *Tema*, neste caso específico, seria o portador do que Halliday chama de *Informação Dada*, e o *Rema* seria o portador da *Informação Nova*. A esta altura, é prudente ressaltar que esse tipo de organização textual, *Tema* coincidindo com *Informação Dada* e, conseqüentemente, *Rema* coincidindo com *Informação Nova* é apenas uma possibilidade, não se quer com isso dizer que a estrutura temática e a estrutura

informacional de uma oração se organizem sempre dessa forma: nem sempre o *Tema* corresponde à *Informação Dada* e o *Rema* à *Informação Nova*. Mas é justamente essa liberdade de estruturação textual que torna a análise do *Tema* e *Rema* uma ferramenta eficaz para a compreensão da maneira como se dá o fluxo de informação ao longo de um texto.

2.1.2.1

Tema Marcado e Tema Não-Marcado

Nas orações declarativas, que são o tipo de oração que compõem os textos que serão analisados neste trabalho, chama-se *Tema Não Marcado* o *Tema* que coincide com o sujeito da oração. *Tema Marcado*, por sua vez, é o *Tema* que não desempenha função de sujeito na oração. Retomando as orações utilizadas na exemplificação de *Tema* e *Rema*, faz-se abaixo a classificação do *Tema* de cada uma delas:

Minha amiga Ana chega de São Paulo no sábado.

Tema não marcado

No sábado, chega de São Paulo minha amiga Ana.

Tema marcado

Chega de São Paulo, no sábado, minha amiga Ana.

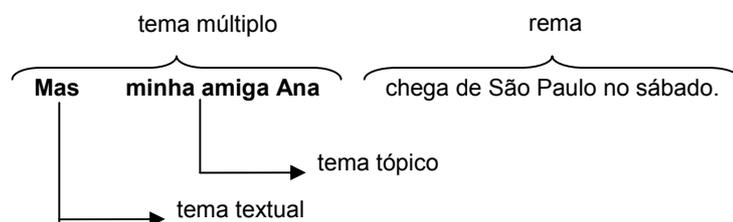
Tema marcado

2.1.2.2

Tema Múltiplo

Como dito anteriormente, o *Tema* de uma oração se estende da posição inicial até o primeiro elemento que tenha uma função no sistema de transitividade, ou seja, o

Tema deve incluir um *participante*, *processo* ou *circunstância*. Em decorrência dessa definição, o *Tema* da oração abaixo será *Mas + minha amiga Ana*:



Neste caso, diz-se que na oração há um *Tema Múltiplo*. A parte do *Tema* que equivale ao *participante*, *processo* ou *circunstância* é chamado de *Tema Tópico*. Dessa forma, pode-se definir *Tema* como o elemento tópico acrescido dos demais elementos que o precederem. O *Tema Múltiplo* é bastante comum pois, tanto em inglês como em português, há elementos que obrigatoriamente ocupam a posição inicial em uma oração (conjunções e pronomes relativos), como também há elementos que, embora possam ocupar outra posição na oração, ocorrem comumente em posição inicial, por exemplo, os adjuntos conjuntivos (além disso, em outras palavras) e os adjuntos modais (em minha opinião, certamente). As conjunções, pronomes relativos e adjuntos conjuntivos em posição temática são chamados *Temas Textuais*. Já os adjuntos modais quando em posição temática são chamados *Temas Interpessoais*. Na oração utilizada como exemplo, tem-se então: “*Mas*” como *Tema Textual* e “*minha amiga Ana*” como *Tema Tópico*.

2.1.2.3

O Tema em Complexos Oracionais

Na seção acima, foi mencionado que as conjunções e pronomes relativos ocorrem obrigatoriamente em posição temática tanto em português e como em inglês. Neste ponto, então, é preciso esclarecer esta afirmação. As conjunções e os relativos

são elementos que conectam duas orações formando o que, na terminologia Hallidayana, se denomina complexo oracional. As orações em um complexo oracional podem estar em relação de *hipotaxe* (*subordinação*), ou de *parataxe* (*coordenação*). Quando duas orações se ligam por *hipotaxe*, uma delas será a oração *independente* (*principal*) e a outra, *dependente* (*subordinada*). Oações ligadas por *parataxe* são chamadas de *independentes* (*coordenadas*). Há ainda um tipo de oração que não se liga a uma outra oração diretamente, mas que se liga a um grupo dentro de uma outra oração: são as orações *encaixadas* (*adjetivas restritivas*). As orações *adjetivas explicativas* são, na gramática funcional, orações hipotáticas. Exemplificamos cada tipo de oração e ligação nos exemplos que se seguem:

➤ Oações em relação de *hipotaxe*:

Se seu pai lhe der o dinheiro da passagem, minha amiga Ana chega no sábado.

Oração dependente
Oração independente

➤ Oações em relação de *parataxe*:

Seu pai não lhe deu o dinheiro da passagem, mas minha amiga Ana chega . . .

Oração independente
Oração independente

➤ Oração *encaixada*:

Minha amiga que mora em São Paulo chega no sábado.

Oração encaixada

Feitas essas considerações gerais acerca dos complexos oracionais, retomamos então a questão da análise temática.

A análise temática em um complexo oracional, como poderá ser visto, pode ser conduzida de duas formas. A primeira maneira possível é entender que a oração inicial funciona como tema do complexo e a oração que a sucede funciona como rema do complexo. O complexo abaixo ilustra essa opção:

Se seu pai lhe der o dinheiro da passagem,	minha amiga Ana chega no sábado.
Tema	Rema

A segunda opção é fazer a análise temática em cada uma das orações que compõem o complexo:

Se	seu pai	lhe der o dinheiro da passagem,
Tema textual	Tema tópico	Rema

Minha amiga Ana	chega no sábado
Tema tópico	Rema

Na análise verbal de duas das páginas selecionadas nesta pesquisa, estudaram-se os complexos oracionais existentes a partir das duas perspectivas, por entender-se que ambas contribuíam com uma parcela diferente para uma compreensão mais detalhada do texto como um todo.

2.1.3 A Oração como Troca

A metafunção interpessoal revela que relações sociais são estabelecidas entre falante/escritor e seu interlocutor/leitor e como essas relações são mantidas ou confrontadas. Esta função é elaborada pelo sistema lexicogramatical de Modo, o qual compreende o sujeito seguido do finito. O Modo realiza quatro funções primárias na língua que são oferta e pedido de informações e oferta e pedido de bens e serviços. Como apontado anteriormente, não serão expostas as peculiaridades desse sistema em particular porque ele não foi selecionado como instrumento de análise neste trabalho.

2.2 Análise do Discurso Institucional

As considerações abaixo serão levadas em conta neste trabalho na qualidade de “equipamento” sociocognitivo a partir do qual os textos para análise serão abordados. À guisa do que foi feito na Introdução deste trabalho, em que pincelou-se o contexto sócio-histórico recente dos serviços nacionais de inteligência, esta seção esboça algumas características de textos similares aos que serão estudados.

Dos três textos estudados neste trabalho, dois são citações (texto turco e texto italiano) e apenas um deles parece ser de autoria da instituição que o exhibe (texto australiano). No caso das citações, muito embora não se trate de produções próprias, o fato de que as instituições as haja escolhido demonstra que tais citações espelham a contento a imagem que as instituições desejam projetar de si próprias. É certo que as citações passaram por algum crivo institucional que as julgou satisfatórias e o mesmo pode ser dito a respeito do texto australiano, a despeito de ter sido elaborado internamente ou não. Os três textos são exemplares, portanto, do que se denomina discurso institucional.

Gunnarsson (2000), em um artigo sobre o discurso de bancos em diferentes países, assevera que a imagem externa de uma instituição/organização é construída pela palavra escrita ou falada de que ela se utiliza. E vai além, defendendo a idéia que essas entidades são, inconscientemente, definidas pela linguagem. Um aspecto para o qual a autora chama a atenção diz respeito ao fato de que a imagem de uma entidade está ligada à sua história, seu presente e futuro.

Em seu estudo acerca de declarações de missão, Swales & Rodgers (1995) descrevem várias características comuns a esse gênero. Em geral, os textos contendo declarações de missão são afirmações estrategicamente genéricas e ambíguas desacompanhadas de exemplos, estatísticas ou comparações. Em termos gramaticais, os verbos aparecem no presente do indicativo e no imperativo afirmativo e utiliza-se o pronome 'nós' ao se referir à instituição ou organização.

Os autores afirmam também que a declaração de missão é um texto cujo intuito é disseminar a ideologia e a cultura de uma instituição de forma a assegurar que seu público interno e externo “vistam sua camisa”, ou seja, o objetivo é fazer com que empregados e terceiros se identifiquem com a instituição. A declaração de missão e textos assemelhados, portanto, ajudam na fabricação de uma imagem que uma entidade deseja disseminar para o público externo em geral.

2.3

Teoria da Multimodalidade

Multimodalidade é o nome que se dá à presença simultânea de múltiplos modos semióticos em uma mesma composição. Assim, multimodalidade se refere à integração de modos de comunicação distintos como a escrita, gestos, sons, imagens, *design* em um mesmo texto (Kress e van Leeuwen, 2001). Se tomado em sentido estrito, portanto, o texto escrito também é multimodal, pois a informação por ele trazida não se concentra exclusivamente na escrita em si, mas reside também em sua diagramação: utilização (ou não) de títulos, subtítulos, parágrafos, notas de rodapé,

colunas. Esses elementos e tantos outros colaboram para a construção e interpretação do texto. De igual forma, em uma composição que combine texto escrito (linguagem verbal) e imagens (linguagem visual), como é o caso das páginas web estudadas, um e outro são portadores de significados. A linguagem visual, portanto, é passível de leitura. Também ela é um sistema de representação simbólica e como tal é um processo de construção de significados cuja compreensão envolve autor, texto e observador/leitor.

Segundo os autores Kress e van Leeuwen (1996), a teoria da Multimodalidade é uma teoria sociosemiótica que entende todo signo como socialmente motivado. A teoria empresta da gramática sistêmico-funcional, descrita anteriormente, a idéia de que qualquer sistema semiótico desempenha três metafunções simultaneamente: a ideacional, a interpessoal e a textual.

A teoria propõe o estudo de composições que conjuguem imagens e texto escrito a partir dessas funções. No caso específico deste trabalho, optou-se por examinar as páginas iniciais dos serviços de inteligência tendo como referencial a metafunção textual. As duas outras funções contribuíram de forma bastante secundária para a análise. Por esta razão, discute-se, abaixo, em maior detalhe, a metafunção textual aplicada às composições multimodais. Com relação às metafunções ideacional e interpessoal, são descritos apenas aqueles aspectos da teoria que foram utilizados diretamente na análise dos dados.

2.3.1

A Metafunção Textual

Para uma composição que conjugue linguagem verbal e linguagem visual, os autores Kress e Van Leeuwen (1996) concebem a metafunção textual como sendo constituída por três sistemas interrelacionados.

O primeiro sistema examina a composição (texto verbal + imagens) ao longo dos eixos horizontal e vertical e associa à posição ocupada por determinado

participante da composição um certo valor de informação. Ao longo do eixo horizontal, divide-se a composição em esquerda e direita, posições às quais se associam os valores *Dado* e *Novo*; tem-se, dessa forma, à esquerda, a *Informação Dada* e, à direita, a *Informação Nova*. A *Informação Dada* é a informação com a qual o leitor/observador está familiarizado, que vai ao encontro do senso comum. A *Informação Nova*, contrariamente, é aquela que efetivamente carrega conteúdo novo e questionável. Esse arranjo parece advir de uma convenção consagrada nas sociedades ocidentais que é a leitura da esquerda para a direita. Nossos olhos são treinados a iniciar a leitura de um texto verbal ou visual pelo lado esquerdo e seguir em direção ao lado direito.

É interessante adiantar, neste ponto, que a divisão a que se faz referência aqui não implica simetria na distribuição do valor da informação na composição, ou seja, não se trata de simplesmente dividir uma composição ao meio com a assunção de que à esquerda encontrar-se-á a *Informação Dada* e, à direita, *Informação Nova*. Assim, há que se procurar as linhas divisórias (molduras) explícitas ou implícitas na composição que delimitem seu lado direito e seu lado esquerdo. A título de ilustração, exibem-se três possibilidades de divisão uma página web nos esquemas abaixo:



Figura 1 – exemplos de distribuição do valor da informação ao longo do eixo horizontal

Ao longo do eixo vertical, divide-se a composição em parte superior e parte inferior, novamente por intermédio de linhas divisórias, e associa-se a elas a idéia de *Informação Idea/Idealizada* e *Informação Real*, respectivamente. *Informação Idealizada* é a informação revestida de apelo emocional, que apresenta ao leitor facetas idealizadas e estilizadas da vida e o afasta dos aspectos comezinhos do dia-a-dia. *Ideal*, neste caso, também se refere a conteúdos (textuais ou visuais) abstratos. Já

a *Informação Real* seria a informação que se aproxima da realidade tal como ela é, ou a informação que concentra informação de cunho concreto ou prático. Semelhantemente ao que acontece ao longo do eixo horizontal, a organização da composição em *parte superior* e *parte inferior* ao longo do eixo vertical não implica a divisão da composição em duas metades. Essa divisão é determinada pela(s) moldura(s) existentes na composição, como mostram os exemplos abaixo:

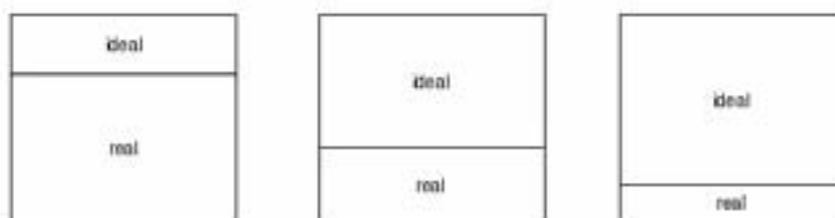


Figura 2 – exemplos de distribuição do valor da informação ao longo do eixo vertical

Cabe ressaltar que essa estrutura que atribui valor da informação à posição ocupada pelos vários componentes de uma composição é uma construção ideológica, pois nada garante que ela corresponda à percepção da realidade de seu produtor ou consumidor. No entanto, a questão relevante não diz respeito à veracidade do arranjo dos elementos em relação ao mundo do produtor ou leitor: o que realmente está em jogo é a maneira como a informação é apresentada. A apresentação descrita acima constrange o leitor a considerar a informação dentro dessa estrutura, mesmo que ele tencione questioná-la.

Cumpra também notar que, embora o seccionamento do texto multimodal em *esquerda / direita* e *parte superior / parte inferior* seja um arranjo consagrado na cultura ocidental, ele não é o único possível. Para ilustrar este ponto, pode-se citar a organização do texto multimodal em *área central / áreas marginais*. Além disso, é necessário lembrar que outras culturas podem privilegiar outros arranjos espaciais.

O segundo sistema de que lança mão a metafunção textual investiga a *saliência* que é conferida aos elementos de uma composição multimodal. O conceito

de *saliência* engloba uma série de aspectos composicionais. Um deles é o tamanho de cada elemento em relação ao todo: quanto maior o tamanho, maior a visibilidade do elemento. Outro aspecto relativo à *saliência* é o uso dos planos na composição, ou seja, elementos que aparecem em primeiro plano são mais proeminentes que aqueles mostrados em segundo plano. Afora esses fatores, a *saliência* também é função dos contrastes de cor e da nitidez com que são representados os diferentes elementos de um texto multimodal.

O terceiro sistema a compor a função metatextual examina as *linhas divisórias* (*molduras/framing*) existentes em uma composição visual/multimodal. *Linhas divisórias*, neste caso, dizem respeito a linhas explícitas ou implícitas que agregam determinados elementos da composição e os separam de outros. Assim, o mecanismo de *moldura*, ao agrupar participantes em uma composição, projeta a idéia de harmonia, unidade, identificação entre eles. Por outro lado, quando a *moldura* separa participantes, cria-se a idéia de conflito, contraste e incompatibilidade entre os mesmos. O exemplo abaixo ilustra o conceito de moldura:

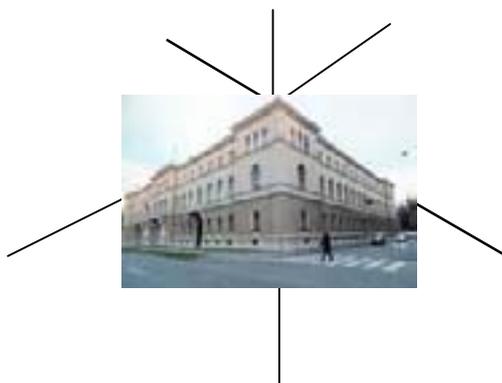


Fig 3 – exemplos de molduras (linhas divisórias implícitas e explícitas em uma imagem)

2.3.2

A Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional de um sistema semiótico, como dito anteriormente, é a metafunção cuja incumbência é representar o mundo interior e/ou exterior com os recursos disponibilizados por este sistema. No caso da linguagem visual, Kress e van Leeuwen (1996) concebem a representação da realidade em termos de *processos*, tal como se dá na teoria de Halliday (1994) aplicada à linguagem oral e escrita.

A gramática visual identifica dois tipos de *processos*: os processos *narrativos* e os processos *conceituais*. Em razão de não utilizarmos a metafunção ideacional na análise das páginas web deste trabalho, não iremos discorrer sobre esses processos. Contudo, há um conceito relativo aos *processos narrativos* que irá colaborar no exame da página inicial do serviço turco: o conceito de *vetor*. Um *vetor* é uma linha explícita ou implícita na representação visual que sugere uma direção para o olhar do observador. Um *vetor*, portanto, funciona como uma espécie de guia para o leitor, indicando que caminho de observação tomar. Por outro lado, um vetor pode, por vezes, sinalizar que o elemento de onde parte o *vetor* está, em alguma medida, ligado ao elemento para o qual o *vetor* aponta. Observe-se o exemplo abaixo:

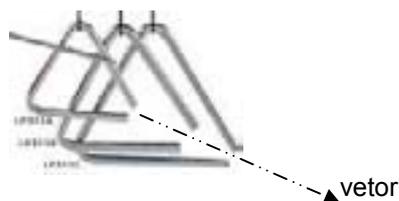


Fig 4 – exemplo de vetor – os triângulos “apontam” na mesma direção

2.3.3

A Metafunção Interpessoal

Reiterando o que já foi dito, a função interpessoal só muito subsidiariamente colaborou com a análise das páginas web. Em razão desse fato, vai-se aqui focalizar, dentre as categorias listadas por Kress e Van Leeuwen para descrever a interação entre produtor e observador da imagem, somente as categorias efetivamente utilizadas na análise das páginas web selecionadas nesta pesquisa.

Para dar conta das relações sociais entre o(s) participante(s) representado(s) em uma imagem e o observador dessa imagem, a metafunção interpessoal faz uso de diversos recursos: o olhar dos participantes; o tamanho do enquadramento em que os participantes são exibidos (em close, a média e a longa distância); o ângulo a partir do qual o autor da imagem a apresenta.

O primeiro recurso arrolado acima considera a direção do olhar dos participantes em relação ao observador e discute a partir dele o tipo de contato que é estabelecido entre eles. Assim, se o olhar do participante é direcionado ao observador, tem-se uma relação em que o participante convida ou conclama o observador a se envolver com a cena representada. Já se o olhar do participante “evita” o olhar do observador, tem-se uma relação em que o autor da cena a oferece ao observador para mera observação. Em outras palavras, no primeiro caso, há uma aproximação e envolvimento por parte do observador no processo; no segundo caso, entretanto, o observador é mantido a certa distância.

Um outro recurso que constrói significados interpessoais é o ângulo escolhido para exibição dos participantes em uma representação visual. Por exemplo, para fazer uma foto, um fotógrafo precisa escolher entre mostrar um participante de um ângulo frontal ou oblíquo, ou mostrando-o de um ângulo baixo ou alto, e há ainda a possibilidade de posicionar a câmera no nível do olhar do participante. Ora, o ângulo frontal denota envolvimento do produtor e, conseqüentemente, do observador para com o participante representado. Contrariamente, o ângulo oblíquo sinaliza que o produtor da imagem, em algum nível, não se identifica com o participante representado e constrange o observador à mesma atitude. O ângulo alto sugere que o

observador e participantes não estão em uma relação igualitária, neste caso, o observador está em posição de maior poder em relação ao participante, e o ângulo baixo, por sua vez, sugere que o participante é superior ao observador. Uma relação de poder igualitária entre participante e observador é criada quando o olhar do autor de uma imagem se posiciona à mesma altura em que está o olhar do participante.

Neste capítulo, foram delineados alguns dos aspectos da gramática funcional de Halliday (1994) e da teoria da Multimodalidade de Kress e van Leeuwen (1996), os quais serviram de suporte para a análise dos dados deste trabalho.

Com relação à gramática funcional, o foco da discussão recaiu, prioritariamente, sobre as metafunções ideacional e textual. No que tange à metafunção ideacional, discutiu-se a oração estruturada em *processos, participantes e circunstâncias* e, mais especificamente, a classificação dos processos em seis tipos distintos: *material, mental, comportamental, existencial, relacional e verbal*, privilegiando o processo relacional. Passando à metafunção textual, examinou-se a oração estruturada em *Tema e Rema* e algumas especificidades dessas categorias. Atentou-se também para as relações de *hipotaxe* e *parataxe* em complexos oracionais, bem como para a noção de oração *encaixada*.

Dentro da teoria voltada para a análise verbal, fez-se, também, um breve apanhado sobre a análise do discurso institucional com base nos trabalhos de Swales e Rogers (1995) e Gunnarsson (2000).

Quando da discussão acerca da teoria da Multimodalidade, privilegiou-se o estudo da metafunção textual das composições multimodais. Na descrição da metafunção textual, atentou-se para: o valor da informação *dada/nova* e *real/ideal* associado aos espaços *esquerda/direita* e *inferior/superior*; a utilização de *molduras* como recursos para agregar e desagregar elementos da composição e a *saliência* desses elementos. Relativamente à metafunção interpessoal, mencionou-se brevemente o significado da direção do olhar do participante de uma representação visual e o papel dos ângulos na construção de interação entre participante e observador. Da teoria sobre a metafunção ideacional, extraiu-se o conceito de *vetor*.

No próximo capítulo, será descrita a metodologia empregada para a seleção do corpus desta pesquisa.